

UM ESTUDO SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO BILÍNGUE PARA SURDOS

José Arnor de Lima Júnior ¹
Sédina dos Santos Jales Ferreira ²
Rafaela Medeiros Alves Korossy ³
Ana Elília Trigueiro Barros ⁴

RESUMO:

O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre a atual situação da educação de Surdos, principalmente sobre o bilinguismo. A pesquisa foi de cunho bibliográfico, pretendendo visar os aspectos práticos para o embasamento das nossas implicações e conclusões acerca do tema. Foi tomado como base o levantamento de informações encontradas na literatura específica, tais como: trabalhos científicos, monografias, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Assim como livros, revistas e periódicos. As informações coletadas através da literatura foram articuladas a fim de estabelecer respostas às indagações propostas. Muitas são as abordagens educativas no campo de ensino para crianças Surdas, o oralismo e a comunicação total são exemplos. Apesar do conhecimento que temos da história da educação de surdos, estas abordagens continuam sendo praticadas, mesmo quando se defende a educação bilíngue como uma questão de direitos humanos. Sendo assim, é de grande importância trabalhos que analisem a dimensão política e epistemológica próprias a cada uma das abordagens educativas existentes e fazer uma reflexão em conjunto sobre o que se almeja para a educação de surdos.

Palavras-chave: Educação de Surdos. Bilinguismo. Metodologia de ensino.

INTRODUÇÃO

A proposta da educação bilíngue auxilia no desenvolvimento da criança Surda, reconhecendo a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa, como segunda língua. O bilinguismo beneficia o desenvolvimento cognitivo e o aumento do vocabulário da criança Surda. Tal proposta, ainda pode ser traduzida como uma oposição às características da educação e escolarização dada aos Surdos historicamente. (KUBASKI; MORAES, 2009)

De acordo com Quadros (1997) o bilinguismo é formado por uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar possível à criança, duas línguas no contexto escolar.

¹ José Arnor de Lima Júnior, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, arnorjr_brasil30rn@hotmail.com ;

² Sédina dos Santos Jales Ferreira, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, sedina.jales@hotmail.com ;

³ Rafaela Medeiros Alves Rorossy, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, rafaela.korossy@gmail.com;

⁴ Ana Elília Trigueiro Barros Cavalcanti, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN , ljahidro@gmail.com;

Sendo assim, o bilinguismo se baseia no direito dos surdos de serem educados através da língua de sinais, considerada atualmente, como língua natural, pois compreendida de maneira natural por eles. Segundo Wilcox (2005), o ‘S’ maiúsculo, representar o indivíduo Surdo como um sujeito cultural e político.

Atualmente, ocorre o que denominamos por expansão dos programas bilíngues, sendo esta metodologia reconhecida pelos estudiosos da área, e mostrando uma melhor retórica enquanto as necessidades e especificidades das comunidades Surdas, em âmbito internacional. De acordo com Gomes (2010), isso se trata de uma questão de justiça social garantir que todos os indivíduos tenham acesso à educação através da sua primeira língua.

Segundo Ramirez apud Gomes, (1991), embora existam condições favoráveis para a implementação de uma educação bilíngue, este processo não é fácil, pois se torna necessário uma grande mudança na estrutura do sistema educativo oferecido à população em questão. Assim então, através de um trabalho de revisão de literatura, atrelado à construção de uma visão mais crítica sobre o tema, nos permitiu constatar a permanência ainda das abordagens de cunho oralista e de comunicação total. Todas as metodologias existentes para o ensino de crianças continuam em aberto, ficando a escolha ao critério dos pais. Estes continuam a poder optar por escolas aonde possuem os dois métodos citados anteriormente, entretanto, poucos são instruídos e tem conhecimento sobre a educação bilíngue, a qual continua a chegar a um número reduzido de crianças e jovens Surdos, apesar da educação bilíngue ser considerada uma questão de direitos humanos.

A aquisição da língua de sinais vai permitir à criança Surda, acessar os conceitos da sua comunidade, e passar a utilizá-los como seus, formando uma maneira de pensar, de agir e de ver o mundo. A proposta bilíngue fomenta uma grande contribuição para o desenvolvimento da criança, enquanto comunicação em seus meios de convívio, seja ele desde o núcleo familiar, escolar e com os amigos e colegas. Já a língua portuguesa, possibilitará o fortalecimento das estruturas linguísticas, permitindo acesso maior à comunicação.

Segundo Vygotsky (1987) as crianças nascem num mundo social e a interação com outras pessoas é o principal componente, não só da aquisição da linguagem, mas também do pensamento, já que o pensamento é basicamente o discurso internalizado que se originou na interação social. Uma vez adquirida, as crianças serão capazes de chegar a estágios de desenvolvimento aos quais, sozinhas, elas não chegariam. Independentemente de estar inserido em escola especial ou escola regular, o aluno Surdo tem direito a uma metodologia que atenda às suas necessidades, a partir de vivências, dramatizações e uma variedade de jogos. Para isso,

o professor deve lançar mão de estímulos visuais para que as crianças se apropriem de todos os conceitos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de cunho bibliográfico, tendo como objetivo visar os aspectos práticos para o embasamento de nossas implicações, onde foi tomado como base o levantamento de informações encontradas na literatura específica, tais como: trabalhos científicos, monografias, trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses, assim como livros e revistas. As informações coletadas através da literatura foram articuladas a fim de estabelecer respostas às indagações propostas.

A pesquisa bibliográfica constitui uma parte da pesquisa descritiva ou experimental, quando tem por objetivo recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar. Ela é parte obrigatória de qualquer trabalho científico, pois é por meio dela que se tem conhecimento da produção científica. Gil (1999) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, mas isso não deixa de ser um tipo de trabalho importante para o meio acadêmico. A pesquisa bibliográfica mostra a visão de vários autores sobre um mesmo tema, evidenciando os pontos positivos e os negativos e também onde concordam ou divergem.

A produção científica de uma categoria profissional revela a ideologia da mesma, o seu direcionamento técnico, científico e político, as preocupações centrais e subjacentes da profissão e ainda revela o que está se passando na realidade prática. Como técnica, a pesquisa bibliográfica compreende a leitura, seleção, fichamento e arquivo dos tópicos de interesse para a pesquisa em pauta, com vistas a conhecer as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto (FERRARI, 1982).

Na revisão bibliográfica, encontramos na literatura existente, as definições possíveis do bilinguismo, educação de surdos, metodologia para educação de surdos e outros termos pertinentes ao tema. No primeiro ponto, abordaremos como enfoque principal, questões que embasam nosso tema principal, no tópico seguinte, tecemos nossa trajetória metodológica. No terceiro ponto, um breve histórico da educação de surdos, no quarto, descrevemos sobre as abordagens de ensino na educação da pessoa surda, no quinto e último ponto, explicaremos mais especificamente do tema proposto, o bilinguismo e suas metodologias de ensino. Por fim, concluímos esta pesquisa com as considerações finais e as referências usadas neste trabalho.

DESENVOLVIMENTO

UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

No começo, a sociedade tinha uma ideia equivocada sobre surdez, enfatizando sempre os seus aspectos ruins. Goldifeld (1997) relata que antigamente os surdos foram vistos de diversas formas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas. Era um peso para a família, entendido como um castigo divino. Por isso as pessoas surdas eram abandonadas ou mortas.

Para esta autora, a crença de que a pessoa com surdez era uma pessoa primitiva fez com que persistisse até o século quinze a ideia de que ela não poderia ser educada. Sendo assim, tais pessoas viviam totalmente à margem da sociedade e não tinha nenhum direito assegurado. Só a partir do século dezesseis é que se tem notícias dos primeiros educadores de pessoas com surdez. Como bem traz Martins e Gomes (2010):

Nos séculos XVIII e XIX, a educação de surdos viveu uma época dourada. Existiam muitos professores surdos e a língua gestual era usada em algumas escolas, nomeadamente no Instituto de Surdos de Paris. L'Epée e Sicard ficaram na história por reconhecerem o valor da língua gestual e a usarem na educação de surdos. Em 1880, o Congresso de Milão ignorou estas experiências educativas, afirmando que era incontestável a superioridade da fala para incorporar os surdos na vida social e para lhes proporcionar uma maior facilidade de linguagem". (MARTINS apud GOMES, 2010).

Desde ponto em diante muitos educadores começaram a criar diferentes metodologias para ensinar as crianças com surdez. Alguns baseavam-se apenas na linguagem oral utilizada em seu país. Outros, portanto, pesquisaram e defenderam a língua de sinais, que se constitui em uma língua espaço-visual criada através de gerações pelos próprios surdos. Outros ainda criaram alguns códigos visuais com o objetivo de manter a comunicação com seus alunos com surdez. Até hoje existem diversas correntes teóricas a respeito da educação do aluno com surdez. Poker (2002) resume muito bem a necessidade de conhecer o passado da educação de surdos, a saber:

Ter conhecimento sobre a história, bem como sobre as filosofias e métodos educacionais criados para os alunos com surdez, permite a compreensão da relação existente entre o comprometimento linguístico dessa população, a qualidade das suas interações interpessoais e o seu desenvolvimento cognitivo. A história serve de suporte para que seja feita uma análise crítica das consequências de cada filosofia ou método de ensino no desenvolvimento destas crianças, contextualizando as práticas vigentes. " (POKER, 2002. p. 1).

ABORDAGENS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DA PESSOA

Durante o decorrer do tempo várias propostas, abordagens e métodos para a educação dos alunos com surdez têm surgido. A maioria deles fundamenta-se em substituir a audição perdida por outro canal sensorial, como a visão, o tato, ou aproveitando os restos da audição

existentes. A maneira como tais métodos tem sido aplicado, traz alguns entraves, pois não há teóricos que afirmem que existe um único método para todas as crianças com surdez. Para aquelas que têm resíduos auditivos, pode ser oferecido um acesso para o código da fala dentro de uma abordagem oral. Diferente daqueles que não têm resíduo razoável ou até mesmo dificuldade em desenvolver a oralização. Por isso, a o uso da língua de sinais, torna-se mais adequada para a interação do indivíduo surdo com o meio que ele se insere e exerce suas atividades cotidianas. A respeito disso, Poker (2002) nos diz o seguinte:

Existem entre os defensores dos diferentes métodos ou abordagens, que há diferentes formas de enfrentar as consequências da surdez respeitando-se cada pessoa e sua família. O professor, junto com os pais, deve explorar e buscar alternativas para cada aluno, no sentido de provocar o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. (POKER,2002, p.4)

Os métodos de ensino dividem-se em várias abordagens que determinaram muitas formas de se trabalhar com o aluno Surdo. As principais são: Oralismo, Comunicação Total, Bimodalismo e Bilinguismo.

O oralismo surgiu na Alemanha, com Samuel Heinick, que defendeu o ensino da língua oral, e rejeitou em suas concepções à língua de sinais, sendo assim, de acordo com ele, a melhor forma de educar o aluno com surdez. Já a Comunicação Total teve sua prática permitida, através de uma série de recursos: *língua de sinais, leitura orofacial, utilização de aparelhos de amplificação sonora e alfabeto digital*. Os estudantes surdos poderiam então expressar-se como achassem mais conveniente. O objetivo era que a criança pudesse se comunicar com todos: familiares, professores, surdos, ouvintes, e assim não sofresse consequências do isolamento que a surdez proporciona. A surdez então não era entendida como patologia, mas como um fenômeno com significações sociais.

No que se refere ao *bimodalismo*, essa metodologia propõe o uso dos sinais, porém na ordem da língua oral. Trata-se, portanto, de um processo híbrido entre ambas as línguas. O alfabeto manual também é utilizado, sobretudo para palavras novas e nomes próprios. O bilinguismo é o alvo principal deste trabalho e será visto com mais detalhe na seção a seguir.

BILINGUISMO

O bilinguismo surgiu do princípio que o surdo deve adquirir como sua primeira língua, a língua de sinais com a comunidade surda. Isto facilita o desenvolvimento de conceitos e sua relação com o mundo. Aponta o uso autônomo e não simultâneo da Língua de Sinais que deve ser oferecida à criança surda o mais precocemente possível. A língua portuguesa é ensinada como segunda língua, na modalidade escrita e, quando possível, na modalidade oral. Contrapõe-

se às propostas da Comunicação Total uma vez que não privilegia a estrutura da língua oral sobre a Língua de Sinais, (POKER 2002),

De acordo com Brito (1993) no bilinguismo a língua de sinais é considerada um importante caminho para o desenvolvimento do surdo, em todas as esferas do conhecimento, e, como tal, propicia não apenas a comunicação da pessoa surda com seu semelhante, mas desempenha uma importante função na construção do pensamento e desenvolvimento cognitivo e social. Para os defensores dessa proposta os Surdos formam uma comunidade, com cultura e língua própria, tendo assim, uma forma peculiar de pensar e agir que devem ser respeitadas.

O PSEUDO BILINGUISMO

Como vimos a proposta bilíngue não privilegia uma língua, mas prioriza ao Surdo o direito e as condições de poder utilizar duas línguas, a língua de sinais enquanto primeira língua e a língua portuguesa, como segunda língua, na sua vertente escrita e eventualmente na fala. A educação bilíngue para Surdos, não pode ser considerada como um projeto de ensino a parte, de forma que reforce uma exclusão social, mas sim uma perspectiva educacional integradora. Se não pensarmos desse modo, ela não será mais do que um mero dispositivo pedagógico especial, mais uma grande narrativa educacional, mais uma utopia a ser rapidamente abandonada.

RESULTADOS E DISCURSSÃO

Não podemos esquecer que o objetivo inicial da educação bilíngue foi o do reconhecimento político, afirmando-se desse modo, como alternativa ao oralismo e à comunicação total. Tais abordagens ancoradas numa perspectiva do surdo como deficiente. Este modelo propõe-se dar à criança Surda não só as mesmas possibilidades psicolinguísticas da criança ouvinte, como também levá-la a criar uma identidade, isto é, a desenvolver as suas potencialidades dentro da cultura surda e aproximar-se, através dela, da cultura ouvinte (SKLIAR, 1997).

Porém, muitos autores denunciam que, mesmo no seio daqueles que defendem uma educação bilíngue, há por vezes práticas que denunciam outra perspectiva. Muitos profissionais continuam a exercer pressões sobre a linguagem e a artificializar a língua gestual, mantendo baixas expectativas sobre os alunos Surdos e a fazer grandes cortes no currículo destes educandos. Continua muito forte a ideia, de que o essencial é dominar a língua oral para uma melhor integração na sociedade. Um dos autores que denunciam este acontecimento é Ramirez,

que em 1999 afirmou que, nas escolas onde se iniciaram projetos bilíngues, o trabalho em equipe entre surdos e ouvintes colocou sobre a mesa a problemática das relações de poder e de saber entre ambos os grupos.

Em algumas escolas, a constatação desse problema levou à criação de espaços de reflexão e debate sobre o papel dos Surdos na planificação, liderança e tomada de decisões e também sobre as atitudes que eles e os ouvintes assumem em termos de trabalho cooperativo. Mas, em outras escolas não se favoreceu este debate e a relação entre surdos e ouvintes continua difícil, dificultando um trabalho articulado e proveitoso para os alunos surdos.

Não é apenas nas abordagens oralistas e da comunicação total que se constata obstáculos ao real reconhecimento da língua gestual e da identidade e cultura surdas. A participação em atividades sociais e recreativas com pessoas Surdas das comunidades locais provoca nos pais mais confiança e esperança no futuro dos seus filhos. Mas, mais uma vez, este tipo de iniciativas não acontece em todos os países e em todas as escolas com projetos bilíngues. O desconhecimento provoca a angústia e a ansiedade e deixa os pais divididos entre vários caminhos. Assim, em vez de um verdadeiro bilinguismo, existe apenas um pseudo-bilinguismo, pois:

(...) o abandono progressivo da ideologia clínica dominante e a aproximação aos paradigmas socioculturais, não podem ser considerados, por si só, como suficientes para afirmar a existência de um novo olhar educacional” (SKLIAR, 1998, p.8).

O BILINGUISMO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

As propostas educacionais começaram a serem estruturadas a partir do Decreto 5 626/05 que regulamentou a Lei de Libras. Assim, os surdos passaram a ter direito ao conhecimento a partir desta língua. O português é utilizado na modalidade escrita, sendo a segunda língua, e a educação dos surdos passa a ser bilíngue. Quadros (200) colabora dizendo que, quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil.

Atualmente, ainda há divergências relacionadas à inclusão dos alunos Surdos, pois para alguns, a escola especial é excludente, porque os alunos isolam-se cada vez mais. No entanto, para outros, a escola enaltece a comunidade Surda, sua cultura e sua identidade, enfatizando que esse espaço de aquisição de uma língua efetiva promove o desenvolvimento cognitivo da criança. O importante é a interação entre as duas línguas, para que a criança cresça, desenvolvendo suas capacidades, não dependendo do espaço escolar no qual está inserida. O

ideal, é que a criança adquira primeiro a língua de sinais e, depois a língua portuguesa para que facilite a sua compreensão.

Nesse sentido, Lerner (2002) afirma que o desafio que a escola enfrenta hoje é conseguir que todos os seus alunos cheguem a serem membros plenos da comunidade de leitores e escritores. O bilinguismo permite que, dada a relação entre o adulto e a criança, esta possa construir uma autoimagem positiva como sujeito surdo, sem perder a possibilidade de se integrar numa comunidade de ouvintes. A proposta bilíngue possibilita ao leitor surdo fazer uso das duas línguas, escolhendo a qual irá utilizar em cada situação linguística.

METODOLOGIAS DE ENSINO BILÍNGUE PARA SURDOS

Sabemos que os modelos de alfabetização dos Surdos, vinculados ao oralismo, têm fracassado; apesar do amplo período de escolarização, os alunos ainda têm dificuldade na leitura e escrita dos textos. Além disso, esses textos são, normalmente, desvinculados de sua realidade. Logo, a presença de um educador Surdo e/ou bilíngue desempenhe um papel fundamental dentro da escola de proposta bilíngue, pois é o usuário experiente da língua e membro da comunidade Surda. Sendo ele capacitado, mediante a uma formação adequada, a mediação da aprendizagem em língua de sinais e na transmissão da cultura Surda para os alunos. As interações, com colegas e amigos Surdos de mesma idade, possibilitam o fluxo cultural, intelectual e linguístico de sua comunidade, possibilitando-lhe a construção de sua identidade.

Segundo, Dorziat (1999), para os Surdos, o critério básico e essencial para o acesso a esse saber sistematizado, sem restrições, é a apropriação da sua língua natural: a língua de sinais. Contudo, ela só não é solução para todos os problemas educacionais, assim como não são as línguas orais, por si só, no ensino dos ouvintes.

A utilização da língua de sinais, enquanto uma atividade mediadora para a alfabetização, no ambiente escolar, é um recurso potencial em produção de conhecimento. O uso do relato, do diálogo e de outras manifestações como a expressão, a dramatização, expressões faciais e corporais caracterizam esse desenvolvimento. Atualmente, configura-se, no caso do Brasil, uma proposta recente e defendida por especialistas da área linguística que tem seus estudos voltados para a língua de sinais. De acordo com Poker (2002), ainda não foi feita uma avaliação crítica, pois, de forma geral, não foi implantada de maneira eficaz.

Apesar de muitos estudos, ainda hoje não há uma metodologia concreta sobre o ensino bilíngue para surdos. Existem muitos exemplos a serem seguidos. Muitas pesquisas sendo desenvolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os programas bilíngues se encontram em expansão por todo o mundo, sendo esta abordagem reconhecida por várias organizações internacionais como aquela que melhor satisfaz as necessidades e a especificidade das comunidades surdas. É uma questão de justiça social garantir que todos os indivíduos tenham acesso à educação através da sua primeira língua.

Fica evidente a importância da educação bilíngue para a aprendizagem da criança surda, sendo fundamental, para isso, que as atividades realizadas sejam adaptadas conforme suas necessidades. Diante disso, o aluno surdo precisa de uma metodologia de ensino própria, com sala de aula adequada, em que predomine o visual. É importante perceber que a pessoa com surdez tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da pessoa ouvinte, precisando apenas que suas necessidades especiais sejam atendidas.

Nesse sentido, acredito firmemente que é preciso haver uma inversão de valores na visão de surdez. Enquanto persistir a noção de deficiência, mesmo velada, persistirá a desvalorização e desconsideração desse grupo cujo potencial cultural e cognitivo encontra-se em fase de latência, esperando para desabrochar.

As inovações e preocupações pedagógicas ainda que se constituam em passo importante para a adoção do caráter pedagógico no ensino de surdos, superando a visão clínica de até bem pouco tempo, estão claramente norteadas pelo princípio da normalidade e adaptação à sociedade e, não pelo respeito à diferença e pela necessidade de participação ativa dos surdos na sociedade, visando a contribuir para sua transformação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E. **Língua Brasileira de Sinais**: Uma conquista histórica. Brasília, Senado Federal. 2006

BRITO L.F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: BABEL Editora, 1993.

CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

DORZIAT, A. **Sugestões docentes para melhorar o ensino de surdos**. Cadernos de Pesquisa, n.108, p. 183-198, 1999.

FERRARI, A.T. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, R.S.A. **Educação matemática dos surdos**: um estudo das necessidades formativas dos professores que ensinam conceitos matemáticos no contexto de educação de deficientes auditivos em Belém do Pará. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação Científica e Matemática, Belém, 2008.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GOMES, M.C.F. **O panorama actual da educação de surdos**. Na senda de uma educação bilíngüe. Exedra, nº 3, 2010.

KUBASKI, C.; MORAES, V.P. **O bilinguismo como proposta educaeducacional para crianças surdas**. 2009. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541 Acesso em 25/março/2014.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o rela, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o rela, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERLIN, G.T.T. **História dos surdos**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

POKER, R. B. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas**: uma proposta de intervenção educacional. Tese de doutorado. UNESP – Marília, 2002.

_____. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez**. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf Acesso em 26 de março de 2014.

RAMIREZ, P. **Hacia la construcción de la educación bilingue/multicultural para los sordos en Colômbia**. In: Skliar, C. Atualidade da educação bilingue para surdos. vol. 1, pp 41-55. 1999. Porto Alegre: Mediação.

QUADROS, R.M. **A educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. Textura, Canoas n.3, p.54, 2000.

SKLIAR, C. (org) **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____. **Educação & exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

WILCOX, P. P. WILCOX, S. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara Azul,

2005.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.